

“FORA DO LUGAR”? INSERÇÃO E TRAJETÓRIA DE DOCENTES NEGRAS NA UFBA

Autores: ANGELA ERNESTINA CARDOSO DE BRITO, JULIANA MARCIA SANTOS SILVA, JOSIELE DO CARMO GONÇALVES

“Fora do Lugar”? inserção e trajetória de docentes negras na UFBA

Introdução

A presente pesquisa teve o propósito de identificar como ocorre o processo de inserção das mulheres negras na docência do ensino superior na Universidade Federal da Bahia, fazendo paralelamente um recorte da questão racial. A pesquisa ainda em andamento apresenta dados parciais acerca do mapeamento nos cursos de Ciências Sociais, Direito, Filosofia, Geografia, História, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social. Esta pesquisa partiu do pressuposto de que as mulheres negras alvos estão cada vez mais presentes no meio acadêmico e notavelmente ocupando posições de destaque, acontecimento este possível de se ser notado não só no meio acadêmico, mas como também em diversas áreas profissionais. Torna-se de importante aprofundar conhecimento sobre o histórico da inserção feminina e identificar como ocorreu esta trajetória de mulher negra sendo ela negra para com a sociedade acadêmica.

Pesquisas têm demonstrado que mesmo com inserção das mulheres negras na academia, ainda há uma disparidade no que tange o percentual de homens negros e de mulheres brancas na docência. Queiroz (2001) destaca que a inserção das mulheres no ensino superior ocorre tardiamente no país, “Somente a partir do final do século XIX, as mulheres brasileiras adquirem o direito de ingressar no ensino superior. O pioneirismo do acesso feminino à universidade cabe a uma médica, formada pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887” (p.134). Queiroz (2001) destaca que a produção brasileira em pesquisas voltada para mulher e educação ou sobre gênero e educação anterior a 1975 são incipientes.

Pesquisas realizadas pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - Sinaes e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep, apontam um total de 63.234 docentes na educação universitária, dos quais apenas 251 são negras. Paralelamente, estudos da Fundação Carlos (2015) comprova que as hierarquias sociais de gênero e raça se expressam na distribuição dos discentes por áreas de conhecimento: as mulheres e os negros estão presentes nas áreas consideradas de menor prestígio social e econômico, como a Educação, as Humanidades e as Artes. Na Educação, por exemplo, são 479 mulheres graduadas para cada grupo de 100 homens, enquanto nas Engenharias são 29 engenheiras para cada grupo de 100 engenheiros. No recorte de cor/raça, a maior participação encontrada está também na área da Educação, porém bastante restrita: são 53 negros para cada grupo de 100 brancos, considerando o grupo de graduados, e 24 para os doutores. Ainda que se possa observar uma ampliação da presença de negros no ensino universitário, sabe-se pouco sobre qual a real medida da inserção, permanência e participação da população negra no ensino universitário. São raros estudos que consideram essa abordagem. A maior parte das publicações disponíveis analisa o recorte cor/raça na educação básica e muito marginalmente no ensino universitário.

No caso brasileiro, a baixa diversidade na composição do corpo discente e docente do ensino superior não tem sido suficientemente problematizada em termos dos resultados de uma política educacional equânime e justa, considerando as diferentes áreas de produção de conhecimento, da tecnologia e da ciência. Os indicadores sociais demonstram a desigualdade racial. A diversidade étnica/racial tem aparecido mais fortemente como valor agregado no plano da cultura e menos no campo do desenvolvimento científico e tecnológico, por exemplo.

Neste sentido o trabalho se deparou com as seguintes questões: as mulheres negras estão presentes nos cursos de prestígios da UFBA? De que forma? Quais os obstáculos na trajetória? De que maneira enfrentam o racismo? Como se efetua as relações com outros professores e alunos? Como foi a trajetória? Nancy Fraser (2007) aponta que para atingirmos o estágio de emancipação da população negra deveremos investir na política de redistribuição, e darmos início a uma política de ações afirmativas que focalize os aspectos valorativos e de fortalecimento da identidade étnico-racial dos segmentos estigmatizados. Valendo-nos, ainda, do que indica Charles Taylor (1993), reafirmamos que a política do reconhecimento exige uma (re)socialização dos grupos dominantes visando uma transformação das atitudes e comportamentos étnico-racial assumidos por estes. As agências de ensino público devem transversalizar às categorias étnico-raciais e de gênero. Transversalizar essas categorias é elaborar uma matriz que permita orientar uma nova visão de competências (administrativas, institucionais, políticas e teóricas) e uma responsabilização dos agentes públicos e das agências formadoras, em relação à luta pela superação das assimetrias sociais, de gênero e de raça/etnia. Para Bandeira (2005), essa transversalidade, ao garantir uma ação integrada e sustentável.

Scott (1989 p.3) salienta “que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante”, logo, a intelectualidade da mulher deve ser redimensionada e enaltecida. Neste ponto destacamos a raça, gênero e classe como categorias centrais de suporte teórico deste trabalho, pois a partir das intersecções tem-se uma percepção ampliada a cerca da trajetória destas docentes. Hooks (1995) afirma que pouco se fala ou se produz sobre a intelectualidade da mulher negra; intelectuais estas que estão inseridas em universidades e/ou em espaços de poder, produzindo muito cientificamente, mas sem o devido reconhecimento.

Nesta primeira fase da pesquisa, o estudo considerou que é necessário entender os processos dessa profissionalização: a)- o histórico da feminização do ambiente educacional, apontando suas dificuldades e o seu ápice, destacando assim a inserção e trajetória das mulheres negras neste “espaço” anteriormente de predominância masculino e branco; b)- como ocorreram estas conquistas e a afirmação profissional das referidas professoras negras na sociedade acadêmica da Universidade Bahia, os desafios, os tipos de preconceito e discriminação.

Material e método

A pesquisa foi dividida em três fases: 1ª fase: visitas aos departamentos dos cursos Ciências Sociais, Direito, Filosofia, Geografia, História, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social para averiguar a presença de professoras negras; 2ª fase: contato e entrevistas com as professoras negras e 3ª fase: entrevistas e análise dos dados obtidos.

Este trabalho apresenta a sistematização da 1ª fase: Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, com pesquisa em fontes primárias e secundárias, além de pesquisa exploratória e documental, realizada por meio de consulta ao currículo lattes, contatos por telefones, e-mails, no site da Superintendência de Administração Acadêmica- SUPAC e no site da Pró-Reitoria de Desenvolvimento de Pessoas – PRODEP. Nesta fase ocorreram conversas informais com alunos e funcionários, preferencialmente negros (as), com a intenção de mapear os docentes a partir do critério da heteroclassificação. Posteriormente houve buscas nos sites institucional da UFBA com objetivo de criar uma lista de professores alocados naquele departamento ou colegiado, assim identificamos os docentes através de fotografias disponíveis ou não no site. Vale ressaltar que esta lista estava em constante atualização. Posteriormente ocorreram as visitas sistemáticas nos colegiados e departamentos dos cursos, com a finalidade extrair dados necessários para pesquisa.

Como resultado desta etapa elaborou-se uma tabela com organização dos dados de todos os professores homens e mulheres alocados nos respectivos departamentos. A criação desta tabela possibilitou sistematização do trabalho proposto.

Resultados alcançados

Os resultados apresentam dados parciais da pesquisa, fundamentada pela metodologia da heteroclassificação. A heteroclassificação consiste na identificação da cor/raça de determinado grupo ou pessoa por outrem. Baseado neste método as professoras negras foram identificadas. No total foram mapeados e identificados 400 (quatrocentos) professores (ver tabela), incluindo homens e mulheres negros e brancos dos cursos de Ciências Sociais, Direito, Filosofia, Geografia, História, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social. No curso de Ciências Sociais foram mapeados e identificados 56 (cinquenta e seis docentes), sendo que 26 (vinte e seis) docentes são mulheres, porém nenhuma docente identificada como negra. No curso de Direito o total de professores somam 113 (cento e treze), sendo que o total de mulheres equivale a 25 (vinte e cinco), e somente 1 (uma) docente identificada como negra. O curso de Filosofia tem em seu quadro o total de 23 (vinte e três) docentes, sendo que 8 (oito) são mulheres, e nenhuma identificada como negra. No curso de Geografia soma-se 24 (vinte e quatro) docentes, sendo que destes 9 (nove) são mulheres, e nenhuma identificada como negra. O curso de História possui 27 (vinte e sete) docentes, sendo que o quantitativo de mulheres equivale a 15 (quinze), somente 1 (uma) identificada como negra. No curso de Pedagogia conta com 95 (noventa e cinco) docentes, sendo que destes 61 (sessenta e uma) são mulheres, e apenas 11 (onze) são negras. O curso de Psicologia tem em seu quadro o total de 40 (quarenta) docentes, dentre estes 28 (vinte e cinco) são mulheres e 2 (duas) foram identificadas como negra. Finalizando o curso de Serviço Social é composto somente por



Conclusões

A pesquisa, ainda em continuidade, considerou que a presença de professoras negras nos cursos abordados na UFBA, ainda é pequena. Há uma disparidade no que diz respeito ao número de professores homens (brancos e negros) e mulheres brancas no quadro de professores. É evidente a inquietação em analisarmos profundamente tais resultados, principalmente pela circunstância de que cursos como Geografia, Filosofia e Ciências Sociais não há uma única professora negra. A superação das desigualdades raciais, sociais e sexuais no espaço acadêmico está no entendimento do racismo como estruturante da sociedade brasileira e de suas instituições.

O fosso que permite tão larga diferença percentual entre o número de mulheres negras atuantes nas cátedras acadêmicas da UFBA poderá ser superado apenas com urgentes intervenções públicas nos programas de pós-graduação e nos concursos públicos para professores adjuntos.

Agradecimentos

PROGRAMA PERMANECER, SANKOFA, ESPECIAIS/PROAE

PIBIQ/UFBA

Referências bibliográficas

ALMEIDA, J. S. de. Mulheres na escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev., 1996;

DEMARTINI, Z; ANTUNES, F. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 86, p. 5-14, ago. 1993;

GUIMARAES, A. S. A. Revista de Antropologia: Preconceito de cor e racismo no Brasil, 2004. Disponível em: Acesso em 15 abr. 2011;

HALL, S. A Identidade cultural na pós modernidade, Rio de Janeiro. DP & A Ed, 1999;

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>>. Acesso em: 31 out. 2016.

FREITAS, M. T. de A. (org.) Memória de Professoras: História e Histórias. Juiz de Fora: UFJF, 2000

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. Raça, Gênero e Educação Superior. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, UFBA, 2001. 320 p. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/deocele_mascarenhas_queiroz.pdf Acesso em: 02 de nov. de 2016

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórico, 1995. Disponível em:<https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em 31 out. 2016.